



## A INDISCIPLINA ESCOLAR E A INTERDISCIPLINARIDADE: A INTERDEPENDÊNCIA NECESSÁRIA<sup>1</sup>

*The school indiscipline and the interdisciplinarity: the necessary interdependence*

**Edson Batista da Silva**

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

[edson\\_bat\\_silva@hotmail.com](mailto:edson_bat_silva@hotmail.com)

**Luzenilda Sabina da Silva**

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

[luzenildasabina@hotmail.com](mailto:luzenildasabina@hotmail.com)

---

### Resumo

A escola é composta por inúmeros agentes. No processo educativo, são adotadas diferentes perspectivas de educação. Mas existem vários problemas que interferem no processo de ensino-aprendizagem, dentre eles, destaca-se a indisciplina escolar. Este artigo analisa a percepção de professores e estudantes sobre a indisciplina e como a interdisciplinaridade pode ser o caminho para a superação da indisciplina na escola. Para tanto, foi utilizada pesquisa qualitativa, com uso da modalidade de pesquisa de campo. Os participantes foram estudantes de 6º e 9º Ano e professores do Ensino Fundamental de uma escola estadual integral de Itapuranga-GO. Os instrumentos usados para a coleta de dados foram questionários e entrevista semiestruturada e gravada, com roteiro previamente elaborado. Constatou-se que os estudantes acreditam que o respeito às regras é atitude esperada, e que as ações a serem tomadas por professores e estudantes para controle da indisciplina devem levar em conta a adoção de punições. Os professores relatam que as medidas tomadas para controle da indisciplina não têm produzido bons resultados. A maior parte deles acreditam que a interdisciplinaridade é uma solução para arrefecer a indisciplina. Mudar a atitude dos educadores, pais, estudantes e do Estado seria a principal forma de auxiliar na resolução do problema.

**Palavras-chave:** Indisciplina escolar. Interdisciplinaridade. Educação. Professor.

---

### Abstract

The school is composed of numerous agents. In the educational process are implanted different perspectives of education. But there are several problems that interfere in the teaching-learning process, among them the school indiscipline. This article analyzes the teachers and students' perception about the indiscipline and how interdisciplinary can be the way to overcome indiscipline in school. For that, it was used qualitative research, using the modality of field research. The participants were 6th and 9th grade students and elementary school teachers from a state full school in Itapuranga-GO. The instruments used for the data collection were questionnaires and semi-structured interview recorded, with a previously prepared script. Students believe that respect for the rules is an expected attitude, and that the action to be taken by teachers and students to control the indiscipline is the adoption of punishments. Teachers report that the

---

<sup>1</sup> Artigo já publicado como capítulo do livro: Docência Interdisciplinaridades e Letramentos: Indisciplina escolar e interdisciplinaridade: a interdependência necessária. 2018. p. 97-114. Sendo assim, para a presente versão, procedemos de revisão do texto e fortalecimento das argumentações teóricas e metodológicas.

measures taken to control indiscipline have not produced good results. Most of them believe that interdisciplinary is a solution to cool the indiscipline. Changing the educators' attitude would be the main way to help solve this problem.

**Keywords:** School discipline. Interdisciplinary. Education. Teacher.

---

## **Introdução**

A educação no século XXI sofre interferência de inúmeros problemas que afetam a qualidade do ensino na escola. Dentre esses problemas, a indisciplina apresenta-se como produtora de fracasso escolar e obstáculos para o trabalho docente (NAKASHIMA, 2012). Os professores se sentem desafiados ou fracassados por não conseguirem contornar a situação. O processo de ensino-aprendizagem necessita mudar seu ideário e sua prática. O papel do professor é identificar, apresentar, imaginar e aplicar soluções ao problema, a despeito dos riscos e limitações (SILVA; FERREIRA; GALERA, 2008).

Os maiores problemas de indisciplina concentram-se no Ensino Fundamental, em especial no 6º e no 9º Ano (MELETTI, 2010, *apud* NAKASHIMA, 2012). O importante é que as pesquisas contribuam com os agentes da educação, para resolução da indisciplina, tendo como pano de fundo a heterogeneidade das salas de aulas. Desse modo, indaga-se: até que ponto a interdisciplinaridade permite amenizar a indisciplina escolar?

É fato que trabalhar com a interdisciplinaridade para a superação da indisciplina permite propor a integração das áreas do conhecimento, com proposição de aulas mais atrativas. Do mesmo modo, as ações interdisciplinares possibilitam os estudantes relacionarem os conteúdos com sua realidade, assim como auxilia na modificação das metodologias.

Esse artigo tem por objetivo analisar a percepção dos estudantes sobre indisciplina, verificar o que os professores entendem por indisciplina e o que consideram um ato indisciplinar, identificar como a indisciplina interfere no processo de ensino-aprendizagem e por que os discentes “indisciplinados” cometem tais atos, assim como apontar caminhos para que a interdisciplinaridade possa permitir a superação da indisciplina na escola.

Por questões didáticas, o artigo divide-se em quatro etapas: na primeira, discute-se a indisciplina escolar; na segunda, debate-se a interdisciplinaridade; na terceira, é abordada a metodologia de pesquisa; e na quarta, têm-se o resultado e as discussões da pesquisa, sustentados nos teóricos mencionados no trabalho.

## **A indisciplina escolar**

O ambiente escolar vivencia situações que comprometem o processo de ensino-aprendizagem. Professores, diretores, coordenadores, dentre outros agentes, queixam-se das dificuldades para realização da educação qualitativa. Dentre os problemas contemporâneos, destaca-se a indisciplina (GUIMARÃES; SANTOS, 2007). Compreende-se que a falta de disciplina promove a ruptura das regras e das normas, devido à postura adotada por estudantes em diferentes atividades na escola.

Cumprir ou descumprir regras remete a questões disciplinares. De um lado, há o termo disciplina, definida como atitudes de respeito e obediência às regras de boa convivência. E, de lado oposto, encontra-se o conceito de indisciplina, que é a negação das regras estabelecidas, por meio de comportamento inadequado, rebeldia sem controle e desrespeito manifestado de várias formas (PEREIRA, 2009; SGANZELLA, 2012; SILVA; FERREIRA; GALERA, 2008).

Para Ferreira (2010, p. 257) a indisciplina é o ato contrário à disciplina. A disciplina pode ser associada ao “regime de ordem imposta ou mesmo consentida, ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização [...], submissão a um regulamento [...]. É fato que a escola necessita de regras democráticas de organização para cumprir sua função fundamental. De acordo com Sapateiro; Szymanski; Ragazzan, ([s.d.], p. 1) compreende-se que:

A indisciplina escolar determina-se pelo descumprimento de ordens, pela falta de limites, por desafiar professores e provocá-los com palavras ou atos agressivos como: jogar bola de papel, colocar cola na cadeira do professor, dentre outras atitudes que muitas vezes impede-os de ministrarem suas aulas de maneira adequada. Há ainda as agressões verbais ou físicas entre alunos; a destruição de objetos da classe como cortinas, carteiras, cadeiras, armários, livros da biblioteca entre outras.

Segundo Zandonato ([s.d.]) a indisciplina escolar envolve causas sociais (estrutura familiar, situação financeira, etc.). Da mesma forma, a indisciplina vincula-se à elementos do processo ensino-aprendizagem, tais como: a relação professor-aluno, a conduta do professor, as práticas pedagógicas e as práticas da escola em geral. Nakashima (2012) diz que a repetição metodológica, o abandono da criação, da reflexão sobre o fazer docente potencializa a indisciplina. Aulas monótonas, ortodoxas, repetitivas deixam discentes desmotivados. Os conteúdos não possuem vínculo com a realidade concreta dos estudantes, o que torna pouco significativo sua aprendizagem.

A família também participa diretamente desse processo. Em tese, é no núcleo familiar que se ensinam regras para o convívio social, e se estabelecem limites às ações dos filhos. Todavia, o fato é que, em inúmeras situações, essa responsabilidade é delegada à escola. No que tange aos aspectos que promovem indisciplina, Sganzella (2012, p. 51) afirma:

A democratização do estudo não acompanha a discussão de uma educação de qualidade, pois a falta de investimento em recursos humanos e materiais torna a educação brasileira precarizada. A baixa remuneração docente desestimula e impossibilita a preparação das aulas e uma rotina de estudos para aprimorar seus conhecimentos. A falta de estrutura nas unidades escolares, como salas superlotadas e heterogêneas, afasta a relação mais íntima entre professor e aluno, fazendo com que ambos não sejam colaboradores no processo de conhecimento. O descomprometimento familiar reflete de forma aguda nos quadros de indisciplina vivenciados nas escolas, pois a família é a principal colaboradora no processo educacional dos jovens, adolescentes e crianças.

A indisciplina escolar, portanto, não é responsabilidade apenas do professor, da família e da escola. O Estado deve resguardar condições adequadas ao processo de ensino-aprendizagem, necessita garantir condições salariais e de trabalho dignas ao professor.

Além disso, cabe ao Estado a provisão de infraestrutura escolar adequada, assim como atenção aos direitos de moradia, alimentação, cultura e lazer. Da mesma maneira, deve o Estado contribuir para a formação de sujeitos autônomos, críticos e democráticos. Como esses aspectos são negligenciados, o Estado corrobora para a indisciplina na escola.

Sapateiro; Szymanski; Ragazzan, ([s.d.]) observam que estudantes indispostos a aprender, marginalizados socialmente, geralmente são indisciplinados. Conforme os autores, a indisciplina possui três elementos fundamentais: a escola despida de regras claras, o professor que realiza aulas desinteressantes e o estudante, com postura inapropriada ao ambiente escolar.

Questões familiares estão vinculadas à existência de estudantes indisciplinados. Tiba (1996) diz que estudantes devem receber formação atitudinal também na família. O autor declara que muitos comportamentos indisciplinados se relacionam a distúrbios pessoais, a etapas de desenvolvimento da adolescência, a problemas de relacionamentos, etc.

A percepção dos professores sobre a indisciplina depende da formação cultural, das experiências que viveram ou compartilharam com os colegas na escola (NAKASHIMA, 2012). Professores defendem mudanças na educação, tendo em vista a aprendizagem qualitativa. Alguns procuram alternativas, propõem mudanças para amenizar a indisciplina (SILVA; FERREIRA; GALERA, 2008).

Autores apresentam sugestões para arrefecer a indisciplina. Guimarães e Santos (2007), por exemplo, destacam que a escola deve analisar o que tem provocado o comportamento indisciplinado. Junto com a família, a escola necessita traçar estratégias para os estudantes mudarem sua postura. A escola e a família precisam reconhecer que todas as estratégias só terão resultados se trabalhassem juntas. Aquino (1996) citado por Guimarães e Santos (2007, p. 6) diz que “o aluno atual sofre de carência de limites, de solidariedade, de cooperação, de qualidades que andam sendo esquecidas na sociedade atual.”

A escola precisa criar espaços que estimulem o respeito e valorize as diferenças. A autoridade do professor necessita ser exercida com a responsabilização dos discentes. A sala de aula também não necessita ser um ambiente silencioso o tempo todo, o estudante pode aprender conversando ou movimentando-se (SAPATEIRO; SZYMANSKI; RAGAZZAN, [s.d.]). Silva, Ferreira e Galera (2008, p. 667) ressaltam que “cabe aos professores, como mediadores do processo de aprendizagem reinventarem a sua prática a partir da sua própria ação, para que possam interagir e gerenciar os conflitos do ambiente escolar.”

Devem identificar as causas da indisciplina, construir soluções possíveis do problema, valorizar a participação dos estudantes na construção de conhecimentos, mostrando-lhes autoridade e não autoritarismo. O estudante, com isso, percebe que a disciplina contribui para a aprendizagem e para o convívio com o outro.

A solução da indisciplina relaciona-se ao trabalho conjunto de educadores, pais, estudantes e coordenadores pedagógicos. Os professores devem optar pelo trabalho não fragmentado, desenvolvendo trabalhos interdisciplinares (SILVA, 2009). A disciplina é essencial no processo de ensino-aprendizagem. No próximo tópico apresentar-se-ão considerações sobre a interdisciplinaridade no ambiente escolar.

## **Interdisciplinaridade**

Na década de 1970, foram iniciadas pesquisas sobre a interdisciplinaridade no Brasil. Na Europa, o termo surgiu em 1960. A partir disso, estudos sobre a temática foram cada vez mais estimulados. O sentido utilizado para interdisciplinaridade era a unidade e relação das disciplinas, sua associação para reflexão dos problemas encontrados na sociedade (FAZENDA, 1994).

Segundo Fazenda (1994), os estudiosos tinham como preocupação o uso exagerado do modismo, além da utilização em qualquer situação, sem clareza de sentido. A importância da

interdisciplinaridade se vincula à proposição de novas perspectivas para a educação. A autora afirma que o conceito chegou no Brasil com uma compreensão distorcida, exagerada. A partir de 1990, os projetos interdisciplinares aumentaram no Brasil. Contudo surgiram intuitivamente ou ditados pelo modismo, sem regras e concepção crítica. Por isso, Fazenda (1994) se preocupou em definir e explicar o que é e como funciona a interdisciplinaridade.

A formação de professores não consegue oferecer soluções para problemas complexos, visto que a interdisciplinaridade não compõe a prática pedagógica de inúmeros cursos de licenciatura. Da mesma forma, o ensino das várias disciplinas na escola e os conteúdos vistos nas disciplinas não têm ligação entre si e com a realidade (LÜCK, 2009). De acordo com Pátaro e Bovo (2012) a interdisciplinaridade pode ser definida como a ligação entre as diferentes disciplinas escolares. Essa ligação se faz necessária, porque o isolamento não traz respostas aos problemas enfrentados na sociedade contemporânea. Ela é a alternativa para organizar os conhecimentos que não são vistos interligados.

Para Lück (2009) a interdisciplinaridade permite a unidade dos professores, proporciona interação entre as disciplinas com o cotidiano do aluno, facilitando o enfrentamento dos problemas vivenciados na rotina escolar. Para a realização de trabalhos interdisciplinares, não há receita a ser seguida. Existe a necessidade de comunicação entre os professores, encontros e debates que permitem tomar providências para adoção da interdisciplinaridade.

A criação da interdisciplinaridade na escola ainda não superou dificuldades. Várias atitudes docentes são necessárias para que esse processo ocorra. O educador precisa planejar, organizar o tempo para reunir com outros docentes e aprender a trabalhar em equipe (AUGUSTO; CALDEIRA, 2007). Lück (2009) relata que os educadores precisam ter consciência dos problemas que envolvem o homem contemporâneo, refletir sobre suas ações e procurar soluções para resolvê-los. A interdisciplinaridade contribui para resolução das situações conflituosas de ensino-aprendizagem, mas o cuidado é necessário para que não se torne um simples modismo.

Para Zidan (2012) a interdisciplinaridade contribui para a aprendizagem significativa, porque aproxima os conhecimentos disciplinares com a realidade vivida pelos alunos. Os conhecimentos não se tornam fragmentados, o que facilita o entendimento das problemas que envolvem o cotidiano dos discentes. Conforme Pátaro e Bovo (2012), a interdisciplinaridade pode mudar práticas pedagógicas. Atualmente, as ditas práticas interdisciplinares promovem

apenas mudanças de denominação das disciplinas curriculares, mas permanece a fragmentação do conhecimento.

Santos e Machado (2013) afirmam que a proposta interdisciplinar surge como necessidade de proposição de novas metodologias que possam auxiliar nos problemas relacionados à realidade mundial e a fragmentação do conhecimento. Augusto e Caldeira (2007), em pesquisa realizada com professores, revelam que docentes afirmaram que a prática interdisciplinar não teria bons resultados pelo desinteresse dos estudantes indisciplinados. Somam-se a isso, a falta de acesso às pesquisas e a ausência da família na escola. Se o objetivo da escola é que alunos tenham interesse nos temas tratados, estejam motivados e ampliem a aprendizagem, uma das opções é a interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade potencializa a transformação da sociedade, tornando-a mais justa e digna. A escola pode responder aos problemas sociais, unindo o ensino dos conteúdos com a problemática da vida cotidiana. A atitude interdisciplinar não deve ser a salvação de todos problemas escolares, mas como um dos caminhos para superar a indisciplina escolar (PÁTARO; BOVO, 2012). Após a exposição sobre a indisciplina escolar e a interdisciplinaridade, destacar-se-á, a seguir, a metodologia utilizada no trabalho.

### **Metodologia**

O trabalho foi realizado mediante uso de pesquisa qualitativa de caráter descritivo-explicativo. A pesquisa qualitativa tenta captar empiricamente os fenômenos. Esse método é importante para buscar resultados mais próximos da realidade social. O tipo de pesquisa usado foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, tendo como procedimento de coleta de dados, o questionário e a entrevista semiestruturada. A análise da indisciplina ocorreu no Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano), nível que é mais frequente a ocorrência de problemas relacionados à temática (MELETTI, 2010 *apud* NAKASHIMA, 2012), em uma escola estadual integral de Itapuranga-GO. Que foi escolhida devido ao fato de os professores conviverem com os alunos por mais tempo, pois trata-se de uma escola de tempo integral.

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos do 6º e do 9º Ano e os respectivos professores. Os educandos fizeram parte da pesquisa por serem agentes da temática abordada. Participaram desta pesquisa vinte e quatro alunos do 6º Ano, dois se negaram a participar; seis alunos do 9º Ano e cinco professores. Um professor não pôde contribuir por motivos de saúde. Os alunos responderam o questionário durante as aulas, os professores foram

entrevistados individualmente, em horário previamente agendado em junho de 2015. Com os educadores, foi utilizado roteiro de questões previamente elaborado.

Os alunos e professores participantes do estudo foram esclarecidos sobre os objetivos, procedimentos da pesquisa, sobre a confidencialidade dos dados e informações fornecidas. A eles foi dada plena liberdade para se recusarem a participar do estudo e permissão para, a qualquer momento, suspenderem o consentimento sobre sua participação. Foram também informados de que, quando os resultados fossem divulgados, os nomes não seriam mencionados.

A assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi solicitada antes de ser realizada a coleta de dados. Após o preenchimento, cada TCLE foi identificado com o pseudônimo escolhido por cada participante a fim de preservar a sua identidade. A seguir, apresentar-se-ão os resultados e as discussões da pesquisa divididos em dois tópicos, com a análise dos estudantes e professores da problemática abordada na pesquisa.

## **Resultado e discussões**

Neste tópico, busca-se entender a percepção dos alunos e professores acerca da indisciplina escolar.

### *Análise dos alunos do 6º e 9º Ano*

Os alunos participantes da pesquisa tinham entre 11 e 16 anos. No que tange à organização da sala de aula, a maioria concorda que todos são responsáveis por sua organização. Também justificam que isso é necessário para o desenvolvimento da aprendizagem, para manter a concentração, para construção da cooperação e para o entendimento dos conteúdos. Os estudantes discordantes disseram que os discentes não são iguais. Alguns são mais teimosos, outros discordam das regras impostas. Destacam-se os relatos que seguir:

Todos os alunos são responsáveis pela organização da sala para ter uma boa aula (NICK). Os alunos são responsáveis pela organização da sala, o silêncio é necessário para ter o aprendizado (JUANA). É responsabilidade do aluno manter a sala organizada, concentrada e em silêncio, com isso, terá um bom raciocínio e foco no que faz (SOPHIA). A sala não deve ser totalmente organizada, porque alguns [estudantes] são mais teimosos que os outros (DANI). A sala não deve ser totalmente organizada, porque nós não conseguimos (CATARINA).

Sapateiro; Szymanski; Ragazzan ([s.d.]) afirmam a importância de considerar a diversidade na sala de aula. A imposição do silêncio pode tornar-se obstáculo à aprendizagem. Estudantes silenciados podem construir aversão à escola, visto que no processo de aprendizagem não é respeitado seu modo de aprender. De fato, muitos aprendem fazendo, outros falando ou ouvindo. Desse modo, o silêncio e a disciplina devem potencializar processos qualitativos de ensino-aprendizagem. Ademais, a organização é fundamental em qualquer modalidade de aula, seja expositiva, sejadialogada, etc.

Os diálogos que escapam da problemática eo tema da aula podem também ser explicados pelas aulas monótonas, repetitivas, desmotivadoras. Isso remete à responsabilidade do docente com a indisciplina (ZANDONATO, [s.d.]). O estudante conversa sobre o cotidiano porque esse é o elemento do seu interesse imediato, ou porque a atividade solicitada implica o mínimo de esforço cognitivo, como os “famigerados” resumos de textos do livro didático. O professor despreza a leitura de mundo do estudante, com isso, não consegue levá-lo à leitura da palavra e a releitura do mundo.

Conforme Zidan (2012), a interdisciplinaridade propõe a aprendizagem significativa. Os conhecimentos das disciplinas devem ser mediados pela realidade concreta dos estudantes. Os estudantes ouvidos, quando questionados sobre a atitude e o comportamento ideal em sala de aula, expressaram respostas que remetem ao respeito ao próximo e às regras, à resolução das atividades solicitadas pelo professor. Além da aversão à violência física direta, o desrespeito à exposição do professor e a concentração dos colegas, assim como a emissão de sua compreensão diante da solicitação docente. No trecho que segue, apresentam-se estas percepções:

A atitude ideal [*dos estudantes*] seria respeitar o próximo e as regras, e fazer as tarefas dadas pelo professor (CARLA). A atitude e comportamento ideal [*dos estudantes*] é ficar sentado e em silêncio para fazer as atividades (EDUCA ROCK). A atitude ideal [*dos estudantes*] é [...] participar das aulas (ESTER). O comportamento ideal [*dos estudantes*] seria ficar quieto, sem tirar a concentração dos outros (SOPHIA EMANUELLY).

Pereira (2009), Sganzella (2012), Silva, Ferreira & Galera (2008) defendem a necessidade de regras, normas e posturas adequadas no ambiente escolar. O comportamento “adequado” e o respeito ao professor auxiliaria no processo de ensino-aprendizagem. Os estudantes ouvidos retomaram percepções de comportamentos adequados aprendidos em instituições religiosas. Da mesma forma, reforçaram a cultura da obediência e da submissão presentes na formação social brasileira.

Os alunos trazem, também, a compreensão de que devem reproduzir o consenso favorável à pedagogia tradicional. Tendência hegemônica no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem nas escolas brasileiras, apesar dos muitos PPPs- Projeto Político-Pedagógico das unidades escolares defenderem outro modo de ensino nas escolas.

Essa permanência da pedagógica tradicional adota a disciplina impositiva, em detrimento da disciplina consciente e consentida, construída pelo diálogo entre os sujeitos envolvidos na educação básica. Portanto, discutir a disciplina implica discutir o projeto de escola que se deseja, as diferentes modalidades de aula e a responsabilidade profissional docente.

Os estudantes, indagados sobre sua autoavaliação no que tange à disciplina, se reconheceram como bons discentes, organizados, participativos e obedientes. Não obstante, outros se consideraram teimosos, barulhentos e com comportamento inadequado em sala de aula.

Eu me vejo como um aluno bom, organizado e disciplinado (FEARCAUSE). Eu não sou tão diferente dos outros, também sou bagunceiro, falo durante as aulas, mas não deixo nenhuma tarefa atrasada no meu caderno (JARLE). *[Eu como estudante]* faço silêncio e todas as tarefas (ESTER). Eu converso muito, mas também sou muito participativa (SOFIA). Meu comportamento não é excelente, converso demais, isso me atrapalha um pouquinho, mas faço as tarefas (SOPHIA).

Há uma confusão entre participar, expressar compreensões da realidade material e atos de indisciplina. Nem toda fala significa uma atitude de indisciplina. O fato é que a reflexão de suas ações remete ao reconhecimento de comportamento inapropriado e apropriado ao ambiente escolar concomitante.

Entende-se que a discussão da disciplina não se descola da construção do projeto de escola que se almeja, muito menos da tendência pedagógica que se assume na prática docente. Acredita-se que o fortalecimento da disciplina consciente e consentida necessita da assunção do discente como sujeito fundamental na construção dos seus conhecimentos.

Para tanto, o diálogo propositivo e as relações de poder horizontalizadas são fundamentais, por exemplo, para a construção de contratos pedagógicos. Vasconcellos (2000) entende que se deve valorizar o coletivo, a participação discente, com vistas à aprendizagem qualitativa. A percepção tradicional dos estudantes sobre a disciplina é resultado da cultura escolar e dos discursos hegemônicos que atravessam a escola.

Ao serem questionados sobre os comportamentos contrários à aprendizagem, muitos estudantes reportaram à organização da escola, ao professor, à família, ao preconceito que sofrem e ao próprio interesse pelo conhecimento:

*[Eu diria que é devido a]* explicação dos professores e o interesse do aluno também. (BATALHADOR). *[Eu diria que é devido a]* algum problema familiar ou escolar. Talvez o *bullying* ou preconceito. (VENANCIO).

Os discentes questionam as modalidades de aula realizadas, expressam o descontentamento com a prática docente vigente. Questões familiares também atingem o comportamento discente na escola, como: separação conjugal, endividamento familiar, conflitos geracionais e condições precárias de existência (TEIXEIRA, 2010). O preconceito e o racismo também implicam determinadas posturas atitudinais em sala de aula. Estudantes racistas ou preconceituosos reproduzem na escola discursos habituais hegemônicos. A invisibilidade da violência simbólica pode culminar na violência física no ambiente escolar.

Indagados acerca da assunção de uma posição altruísta, de se imaginarem na condição de professor, os estudantes reforçaram ações docentes oriundas sobretudo da pedagogia tradicional. De acordo com eles, tomariam como medidas: convocação dos pais, diálogo com os estudantes indisciplinados, aplicação de castigos e advertências.

*[Eu daria]* advertência, chamaria os pais e dava castigos (VENANCIO). *[Eu seria]* rígido, mas não tão ríspido; bravo e bonzinho quando necessário (SOPHIA EMANUELLY). Não tenho muita paciência, mas aplicaria um conteúdo bem legal e divertido, talvez assim eles se comportassem (SOPHIA). Eu ajudaria os alunos nos momentos mais difíceis, nas atividades que tivessem com dificuldade (DANI). *[Eu daria]* advertência e conversaria com os alunos (BYANCA).

A punição é o instrumento hegemônico de resolução da indisciplina. A revisão da prática docente e o diagnóstico do desenvolvimento cognitivo dos discentes assumem posição subalterna. Os estudantes ouvidos aprendem saberes didáticos de seus professores. A escolha futura pela profissão docente poderá levá-los a retomar tais práticas didático-pedagógicas. A negação ou a adoção parcial relacionam-se com a capacidade de os cursos de formação de professores apresentarem outras possibilidades de escola, de práticas didático-pedagógicas, de ações contra a indisciplina escolar.

Portanto, os estudantes, ao se imaginarem como professores, de modo geral, repetiriam as práticas didático-pedagógicas adotadas pela escola, no que tange à adoção de medidas contra a indisciplina. Na condição de pais de discentes indisciplinados, eles afirmaram que conversariam, castigariam, retirariam o que os filhos mais gostam, pediriam para se comportarem e prometeriam algo em troca, assim como os colocariam num colégio militar e até bateriam:

[Eu] conversaria com ele e se não adiantasse tiraria o que mais gosta, exemplo: celular (CARLA). [Eu] batia nele (JUANA). [Eu] daria conselhos, o deixava de castigo e quando melhorasse o deixava fazer o que quiser (ESTER). Eu iria conversar com ele e se não resolvesse colocaria em um colégio militar (T.H).

A educação familiar hegemônica também tem matiz punitivista. Mas há transformações em curso, com a resolução dos conflitos mediados pelo diálogo. Do mesmo modo, tal como na escola, pais adotam práticas behavioristas na educação dos filhos, ou transferem esta responsabilidade para a escola. O fato é que os estudantes tendem a reproduzir as práticas apreendidas na escola e na família. Cabe à escola estimulá-los a pensar um mundo diferente.

O punitivismo prevalece, mediado pela repressão e pela coerção, em detrimento do estímulo à reflexão e à responsabilização das atitudes. A integração escola/família, a discussão da indisciplina no projeto de escola que se deseja e nas modalidades de aula desenvolvidas são mecanismos fundamentais para a aprendizagem qualitativa. No próximo item, destacam-se as percepções dos professores sobre a indisciplina escolar.

#### *Análise dos professores*

A idade dos professores participantes é de 23 a 44 anos, que não trabalham com apenas uma disciplina, como nota-se no relato abaixo:

Eu leciono as seguintes disciplinas: História, Geografia, Educação Física e Ensino Religioso (KAKÁ). Eu trabalho com Língua Portuguesa, e apoio em Matemática e Língua Inglesa (JOHN).

A qualidade do processo de ensino-aprendizagem é comprometida quando o professor não domina os conceitos, as categorias, as metodologias, as práticas específicas de ensino de determinadas disciplinas. Isso pode corroborar para o surgimento de casos de indisciplina. Os elementos enumerados pelos interlocutores como exemplos de indisciplina escolar envolvem a não realização das atividades de sala e a falta de interesse. Dentre os elementos responsáveis pelo seu surgimento, destacam-se os problemas familiares, a educação familiar e novas normas da educação básica:

O fato de o aluno não realizar as atividades em sala já é considerado [um ato de indisciplina]. Eles têm obrigação de realizar todas as atividades, participar das aulas, comportar de maneira regular dentro da sala de aula (KAKÁ). Falta de interesse e problemas em casa fazem com que o aluno se revolte e mostra a revolta na sala de aula, é um dos grandes problemas que a gente enfrenta (EDUCADORA). Desinteresse do aluno, as novas normas da Educação, o aluno tem muitos direitos e às vezes poucos deveres [...] (JOSÉ DA SILVA). Principalmente a educação

familiar, a educação que vem de casa, de berço, às vezes o aluno tem uma família muito desestruturada, às vezes não tem mãe, às vezes não tem pai, mora com o avô ou a avó e a maioria deles não conseguem lidar com essa educação (JOHN).

Sapateiro, Szymanski & Ragazzan ([s.d.]) entendem a indisciplina como ação de descumprimento das regras escolares, de atitude que ultrapassa os limites previamente estabelecidos, que desrespeita os professores. Zandonato ([s.d.]) relata que a indisciplina pode ser creditada à situação financeira do estudante e às práticas didático-pedagógicas do professor. Os alunos do 6º Ano foram os citados em ações de indisciplina. Dois educadores afirmaram o 8º Ano como aquele que contém mais atos de indisciplina. De acordo com eles, os estudantes adolescentes têm mais conflitos com os professores:

No 6º Ano ocorre mais indisciplina porque eles não têm mentalidade de que devem se comportar, eles conversam e às vezes precisam de advertência (CAMILA). Ocorrem mais atos indisciplinados no 6º Ano. Eu vejo que é um processo de maturidade, eles saem de uma ou duas professoras e ao mesmo tempo que eles ainda são crianças querem ser maduros. A maturidade e às vezes as regalias que alguns alunos teriam, pela própria idade e estrutura de passar do 5º para o 6º Ano, eles querem aquilo que veem como direito que os alunos têm, autonomia, mas ao mesmo tempo agem diante de certas atitudes com infantilidade, imaturidade (JOSÉ DA SILVA). No 6º ano, porque é uma turma que os alunos estão adquirindo maturidade, mas ainda estão um pouco presos nas séries iniciais do ensino fundamental, tem a questão da correria na sala de aula, muita conversa (JOHN).

Os professores, quando associam a indisciplina dos estudantes ao diálogo, a imaturidade, as benesses concedidas, ao *descontrole* do corpo, revelam as suas concepções de disciplina. A questão é saber se a corporeidade, a fala, a ampliação do conhecimento cognitivo, emocional, a discussão dos direitos conquistados não devem ser elementos fundamentais do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, não se pode negar que a indisciplina interfere no processo de aprendizagem:

O aluno deveria prestar atenção no que o professor ensina, mas ele está ocupado fazendo coisas que não deveria. O comportamento dele prejudica a sua própria atenção dentro da sala. O aluno indisciplinado chama a atenção de um disciplinado e, assim, tira a atenção dele, de outros colegas e até de toda a sala (JOHN). O aluno que não tem responsabilidade em participar da aula não aprende. Se ele é indisciplinado, briga, conversa, fica presente e ausente, muitas das vezes o corpo está presente e a mente não, [isso] reflete na aprendizagem dele (EDUCADORA). Se o aluno não tem o hábito de leitura, participação, realização das atividades isso vai interferir na aprendizagem dele [...] (KAKÁ).

Guimarães & Santos (2007) compreendem que a disciplina potencializa a aprendizagem, a edificação de uma sociedade humana, igualitária e a interação positiva dos estudantes na escola. Para eles, a indisciplina tem causas sociais, familiares e do ambiente escolar. As mudanças sociais, o sujeito em constante devir, as transformações na família

interferem no comportamento dos estudantes. Da mesma forma, deficiências de estrutura, como, a falta de material didático, a remuneração insatisfatória dos docentes etc. refletem na qualidade da educação e na disciplina escolar. O autoritarismo, a disciplina impositiva, também resulta em atos de indisciplina. A escola é entendida pelos estudantes como lugar indesejável (PEREIRA, 2009).

Os interlocutores concebem os alunos indisciplinados como aqueles que brigam, desrespeitam, xingam, não realizam as ações solicitadas, circulam continuamente pela sala de aula. Eles os definem nos seguintes termos:

O aluno que briga não respeita, xinga muito, não faz nada na sala de aula e não importa com isso. (CAMILA). As características de um aluno indisciplinado são: levanta a todo momento, conversa muito, fala palavrões e a maioria não tem uma estrutura familiar e não são motivados pela família a estudar. (JOHN).

Os docentes relataram os mecanismos utilizados para o controle da indisciplina. Há ações dialógicas e punitivistas concomitantemente. Em determinados momentos, assumem posições de aproximação, de provocação de autorreflexão atitudinal, em outros instantes afastam-se dos discentes, os punem com medidas repressivas:

Primeiro eu busco uma conversa e sempre procuro conhecer a sala e cada aluno. Em último caso o professor afronta o aluno, o mais adequado é deixá-lo refletir, ouvi-lo e depois vem a conversa. Com uma boa conversa vai resolver aquela situação que talvez chegou ao extremo ao ponto de ter que buscar ajuda no regimento da escola, advertências, ocorrências, suspensão que seria em último caso e acima de tudo ter uma boa relação com o pai. (JOSÉ DA SILVA). Conversar com o aluno não funciona muito, o que realmente dá certo e que infelizmente não tem outro jeito é usar ameaças de dar advertências, ocorrências, registro no caderno, mas eu gosto de conversar com o aluno primeiro. (JOHN).

Entende-se que a autorreflexão conjunta de professores e estudantes é fundamental para rever práticas, metodologias, ações didático-pedagógicas que têm contribuído para a indisciplina, mas o punitivismo está, ainda, deveras arraigado na sociedade, o que impede a o surgimento da autorreflexão. Os professores ouvidos reconhecem que as formas hegemônicas de atuação promovem resultados insatisfatórios.

Desse modo, é fundamental novas propostas que diminuam a indisciplina. É necessário reinventar a escola, o fazer docente, a prática didático-pedagógica. A interdisciplinaridade pode proporcionar novos sentidos aos conteúdos escolares, com a interdependência teoria/prática e a aproximação das disciplinas escolares.

Os docentes também apontam outros aspectos responsáveis pela indisciplina:

Uma das causas [da indisciplina] seria que o governo diz que o aluno pode tudo e o professor não, hoje a forma como o governo coloca e o aluno sabe o que pode, assim fica difícil para o educador (EDUCADORA). [A indisciplina] está relacionada à cultura, o próprio modelo de jovem que se tem hoje [...] (JOSÉ DA SILVA).

Desconhecem-se legislações que protegem e, do mesmo modo, penalizam crianças e adolescentes por atos de infração. Se o ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente não é aplicado, o problema não é o arcabouço jurídico, mas a sua efetivação. É fato que as orientações do Banco Mundial construíram certa permissividade e complacência com o analfabetismo funcional. A escola do acolhimento, em detrimento da escola com formação humana geral, amplia a precarização das classes populares.

Mas o professor também necessita rever suas práticas didático-pedagógicas. Sugere-se a interdisciplinaridade como proposta de diminuição da indisciplina escolar. Para tanto, é fundamental a seleção de conteúdos significativos à ambiência política, econômica e cultural do estudante. O ensino interdisciplinar deve ser central na proposta didático-pedagógica da escola. A unidade escolar deve possuir problemática e objetivo comum, com estímulo à interação entre pais, estudantes, funcionários administrativos e os docentes da instituição. Os docentes responsabilizam também as famílias pela permanência da indisciplina:

A família poderia, mas não faz. Os alunos veem à aula no dia que querem, não têm apoio familiar. A família ajuda muito o aluno a ser indisciplinado (EDUCADORA). A família precisa dialogar mais, dar mais atenção aos filhos, participar da vida escolar deles (CAMILA). A sociedade interfere na aprendizagem do aluno. Se começasse dentro de casa, se cada família educasse melhor os filhos, a sociedade seria melhor (KAKÁ). Os valores sociais foram perdidos e isso interfere diretamente na indisciplina escolar. Os alunos agem conforme a sociedade lhes impõe (JOSÉ DA SILVA). O professor que tem postura, que respeita, não tem problema com indisciplina (EDUCADORA). O professor precisa ser mais rígido, [...] precisa ter compromisso, deixar o aluno sempre ocupado para haver um envolvimento e fazer com que esqueça as brincadeiras, brigas em sala de aula (KAKÁ). O professor que maltrata o aluno cria uma barreira que irá atrapalhar o convívio, deve ter o cuidado para não perder a atenção do aluno, deve ser exigente, mas ser afetivo. O professor deve trazer algo diferente para chamar a atenção do aluno, trazendo assuntos culturais, polêmicos de interesse dele para serem discutidos e aulas mais dinâmicas (JOHN). Nós não temos um apoio dos superiores, não há políticas públicas voltadas para essa questão (KAKÁ). O professor precisa ser mais valorizado, o Estado impõe uma carga para o educador e quer que ele consiga algo que realmente não acontece. Ele está preocupado em dar as diretrizes, mas não conhece a realidade da escola. A falta de investimento do Estado na escola com instrumentos, materiais para trabalhar melhor favorece a ocorrência da indisciplina. (JOHN).

A indisciplina escolar tem origens multidimensionais. Vasconcellos (2000) apresenta motivações familiares, escolares, didático-pedagógicas e individuais. Segundo Nakashima (2012), a indisciplina pode ser resultado de escolas tradicionais que desenvolvem aulas repetitivas, com privilégio à memorização e à descrição, em detrimento do direito de aprender

a aprender. Conforme Sganzella (2012) o Estado também colabora com a indisciplina, dado o insuficiente investimento em infraestrutura e a baixa remuneração dos professores. De acordo com os entrevistados, a escola tem adotado as seguintes medidas contra a indisciplina:

A escola busca conversar com o aluno [...] (EDUCADORA). Na escola não se trabalha as questões de indisciplina, não se recebe respaldo algum do sistema (KAKÁ). A indisciplina deveria ser trabalhada com mais rigor, a gestão da escola busca não mais advertir aquele aluno, esse não é o caminho, mas esse rigor teria que fazer parte da escola (JOHN).

Há um apelo às medidas punitivas, do mesmo modo, existe o sentimento de abandono frente ao caos. A escola deve construir espaços de diálogo, tendo em vista entender comportamentos discentes contrários à aprendizagem. A ação conjunta da escola com a família e a sociedade pode diminuir as atitudes indisciplinares (GUIMARÃES; SANTOS, 2007). Da mesma forma, é relevante superar práticas didático-pedagógicas, tentar o novo, o diferente, escapar do formalismo e do comodismo, acreditar noutro devir para a escola. A posição dos docentes sobre a interdisciplinaridade como caminho para arrefecer a indisciplina escolar foi controversa.

A interdisciplinaridade auxilia na forma de chamar a atenção do aluno para as disciplinas que não tem afinidade. Não é fácil trabalhar com a interdisciplinaridade, mas é possível. Neste momento entra o professor pesquisador, ele vai atrás e elabora muito bem um projeto. (JOHN). Aulas diferenciadas, muitas vezes, nos deixa frustrada. Tem aula que é proposta e há o alcance dos objetivos, outras não [...]. A interdisciplinaridade em alguns casos seria uma solução (EDUCADORA). A interdisciplinaridade fala de todas as formas de avaliar, de todas as disciplinas. Não vejo uma melhora na indisciplina do aluno usando a interdisciplinaridade (KAKÁ).

Segundo Fazenda (1994), a interdisciplinaridade pode ser a opção na busca de novos caminhos para a educação, inclusive para a indisciplina escolar, uma vez que permite modificar as metodologias e as modalidades de aula realizadas. Com isso os discentes se sentem atraídos pelo conteúdo, tornam-se participativos, numa relação dialógica positiva entre professor-estudante.

A escola deve promover a inter-relação teoria/prática, os professores devem ser pesquisadores, com alterações cotidianas na prática pedagógica. Os projetos interdisciplinares necessitam aproximar a sociedade da escola e dar sentido ao que os estudantes aprendem. Os professores devem ser humildes, entenderem que não sabem tudo, que podem aprender coletivamente, no diálogo horizontal com seus pares, num processo reflexivo coletivo do projeto de escola que se quer. É preciso pensar a escola como unidade, com

as questões política, econômica e cultural circundantes, os quais tornam-se o elemento motriz do processo de ensino/aprendizagem.

Os discentes devem se envolver com questões que assolam seu cotidiano, para buscar soluções. Para Alves *et al* (2012), a interdisciplinaridade promove melhor envolvimento dos estudantes com a aprendizagem. Essa proposição pedagógica beneficia docentes e discentes, visto que resulta em aprendizagens que conectam conhecimentos e realiza a interdependência teoria/prática. Sua efetivação, com a promoção de resultados satisfatórios, depende de mudanças na escola, na rotina de trabalho docente e a ação propositiva de todos os envolvidos na educação.

### **Considerações finais**

A indisciplina é concebida como um problema. A interdisciplinaridade pode contribuir para repensar ações ineficientes adotadas para solucionar a indisciplina escolar, já que os atos disciplinares afetam a escola, os professores e os estudantes. O primeiro passo é tecer a unidade dos envolvidos com a educação, para discutir a questão e problematizar as propostas de ensino-aprendizagem. Na pesquisa, identificou-se que os estudantes concebem a indisciplina conforme definições da pedagogia tradicional e do imaginário social conservador.

Os estudantes, de modo geral, também repetiriam a atitude dos professores para diminuir a indisciplina escolar. A transformação dessa compreensão é dependente da superação da abordagem tradicional da disciplina. Mas os professores defendem esse entendimento. Não se pode negar que todos são culpados pela permanência da indisciplina na escola: estudantes, Estado, família e sociedade. Não obstante, negam-se a autorreflexão, a análise de sua prática docente. Diante disso, as atitudes contra a indisciplina apresentam resultados insatisfatórios.

Alguns acreditam na interdisciplinaridade para proposição de novas experiências, práticas didático-pedagógicas, com trocas de conhecimento entre professores, estudantes, pais e outros agentes da comunidade escolar. Conclui-se, assim, que cabe aos agentes responsáveis pela educação refletir, buscar, propor e adotar alternativas aos desafios que são colocados em relação à indisciplina escolar, para tanto, é necessário superar a disciplina punitiva em nome da disciplina consciente e consentida.

### **Referências**

ALVES, Tainá Bianchin *et al.* **Interdisciplinaridade:** troca e enriquecimento mútuo no processo de ensino-aprendizagem. 2012. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos>> Acesso em: 10 jun. 2015.

AUGUSTO, Thaís Gimenez da Silva; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. Dificuldades para a implantação de práticas interdisciplinares em escolas estaduais, apontadas por professores da área de Ciências da Natureza. **Investigações em Ensino de Ciências**. v. 12, p. 139-154, 2007. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br>> Acesso em: 22 mar. 2015.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade:** História, teoria e pesquisa. Campinas: Papyrus, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio:** o dicionário da Língua Portuguesa. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GUIMARÃES, Andresa Alves; SANTOS, Kátia Barros Cabral dos. Indisciplina: concepções de professores, famílias e alunos. **Caderno de Trabalhos de Conclusão do Curso de Pedagogia**. Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. v. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.lematec.net/CDS/TCCV2/CD/artigos/guimaraessantos.pdf>> Acesso em: 4 ago. 2014.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar:** fundamentos teórico-metodológicos. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NAKASHIMA, Sérgio Kaoru. **O contexto da indisciplina nas séries do ensino fundamental**. p. 720-729, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao>. Acesso em: 4 ago. 2014.

PÁTARO, Ricardo Fernandes; BOVO, Marcos Clair. A interdisciplinaridade como possibilidade de diálogo e trabalho coletivo no campo da pesquisa e da educação. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 45-63, jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index>> Acesso em: 15 abr. 2015.

PEREIRA, Márcia Aparecida da Silva. **Indisciplina escolar:** concepções dos professores e relações com a formação docente. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande. 2009. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes>> Acesso em: 4 ago. 2014.

SANTOS, Fabiana Pereira dos; MACHADO, Lucília. **Interdisciplinaridade, interculturalidade e intersetorialidade:** princípios e aplicações na realidade empírica. II CONINTER- Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Belo Horizonte, out. 2013. Disponível em: <<http://www.2coninter.com.br>> Acesso em: 15 abr. 2015.

SAPATEIRO, Maria Lúcia; SZYMANSKI, Maria Lídia Sica; RAGAZZAN, Dianete Maria. **Indisciplina escolar:** o “aluno insistente”. [s.d.]. Disponível em: <<http://gajop.org.br/justicacitada/wp-content/uploads>> Acesso em: 4 ago. 2014.

SGANZELLA, Natalia Cristina Marciola. O ambiente escolar e a indisciplina no ensino fundamental. **Revista Eletrônica de Educação e Ciência** – REEC, v. 2, n. 1, p. 44-53, mar. 2012. Disponível em: <[www.fira.edu.br/revista](http://www.fira.edu.br/revista)> Acesso em: 4 ago. 2014.

SILVA, Fernanda Duarte Araújo. **Alternativas para enfrentarmos a indisciplina na escola.** P@rtes (São Paulo), jun. 2009. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/alternativas.asp>> Acesso em: 15 abr. 2015.

SILVA, Margarete Virgínia Gonçalves; FERREIRA, Jacques de Lima; GALERA, Joscely Maria Bassetto. **A indisciplina escolar enquanto desafio na formação do professor:** uma realidade posta na sociedade contemporânea. p. 659-671, 2008. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/126\\_494.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/126_494.pdf)> Acesso em: 4 ago. 2014.

TEIXEIRA, Angela Cloé Pacheco. **A indisciplina em uma instituição escolar.** 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br>> Acesso em: 10 jun. 2015.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina:** construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 11 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

ZANDONATO, Zilda Lopes. **Indisciplina escolar e a relação professor-aluno:** uma análise sob as óticas moral e institucional. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espaco-praxis-pedagogicas>> Acesso em: 4 ago. 2014.

ZIDAN, Vanda Mendes Loureiro. Interdisciplinaridade: um olhar sobre sua prática na Educação Básica. Recôncavo: **Revista de História da UNIABEU**, ano 1, n. 2, p. 98-111, jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/reconcavo>> Acesso em: 15 abr. 2015.

---

**Sobre o autor e a autora**

**Edson Batista da Silva**

Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (2005), Especialização em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Goiás (2009), Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2014) e Doutorado pela Universidade Federal de Goiás (2018). É membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia Agrária e Dinâmicas Territoriais (NEPAT) da Universidade Federal de Goiás-Instituto de Estudos socioambientais e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Espaço Rural (GEPER) da Universidade Estadual de Goiás-GO, assim como do GWATÁ-Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo. Atualmente é professor em regime estatutário pela Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia agrária, atuando principalmente nos seguintes temas: Territórios em Disputa, Educação do Campo, Educação Ambiental, Agroecologia, campesinato e Ensino de geografia.

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/2645504830222270>

**Luzenilda Sabina da Silva**

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Goiás (2011).

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6558037798640402>

---

Artigo Recebido em Agosto de 2018.  
Artigo aceito para publicação em Novembro de 2018.